

# NOTAS DA OFICINA

um registo das Oficinas Criativas VISÕES ÚTEIS / VENCER AUTISMO

*projeto-piloto*  
(outubro 2015 – junho 2016)



Ana Azevedo  
Inês de Carvalho



*“Assim, ao mesmo tempo que nos horrorizam os danos causados pelas perturbações do desenvolvimento, podemos vê-las também como processos criativos – pois ainda que destruam caminhos particulares, maneiras particulares de fazer as coisas, podem por vezes forçar o sistema nervoso a encontrar outros caminhos, outras soluções, obrigando-o a um crescimento e evolução inesperados...”*

*Oliver Sacks*

## ***índice***

1. Introdução .....	pág. 4
1.1. sinopse do projeto .....	pág. 6
1.2. as instituições parceiras .....	pág. 6
1.3. o público-alvo .....	pág. 6
1.3.1. caracterização do grupo de formandos no ano zero (2015/2016) .....	pág. 7
2. Caracterização das Oficinas Criativas .....	
2.1. os pressupostos .....	pág. 8
2.2. objetivos gerais .....	pág. 9
2.3. linhas programáticas e metodológicas .....	pág. 9
2.3.1. etapas .....	pág. 9
3. Sessões .....	
3.1. sobre o tempo (planeamento e imprevisibilidade) .....	pág. 10
3.2. sobre o espaço (condições físicas e materiais) .....	pág. 10
3.3. sobre os conteúdos (uma visão geral) .....	pág. 11
4. Exercícios - alguns exemplos (materiais, sinopse, descrição e impressões) .....	pág. 12
5. Avaliação e conclusões .....	pág. 25
6. Referências e Materiais de apoio.....	pág. 27
7. Biografias.....	pág. 28

## 1. Introdução

Em 2015 o coletivo artístico Visões Úteis foi desafiado a conceber e implementar, em colaboração com a associação Vencer Autismo, uma formação para crianças e jovens com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA), que utilizasse atividades e exercícios da prática e da formação artística em teatro e os adequasse às necessidades e dificuldades destes formandos. Este desafio nasceu da experiência de um membro da família de uma adolescente Asperger, que testemunhara um significativo impacto positivo de uma anterior experiência desta jovem com aulas de teatro, mas também do seu conhecimento próximo tanto da atividade desenvolvida pela associação Vencer Autismo como da atividade desenvolvida pelo Visões Úteis.

Assim começaram a ser desenhadas as “Oficinas Criativas Visões Úteis / Vencer Autismo”, implementadas no Porto entre 2015 e 2016 e tornadas possível através da conjugação de um apoio público com um financiamento privado – situação pouco usual na nossa área e no nosso contexto.

A formação em contextos particularmente desafiantes e o trabalho com grupos e comunidades em risco de exclusão social é, há muitos anos, uma característica da atividade regular do Visões Úteis e, nomeadamente, da atividade do seu Serviço Educativo. Na base deste trabalho está a nossa crença no poder transformador do contacto com as artes e com a formação artística. Uma crença sustentada pela prática, mas também pelos vários estudos e investigações que o vêm comprovando – como os recentemente desenvolvidos no campo da Neuroestética ou, para dar um exemplo no nosso país e na nossa área, o trabalho publicado em 2017 pelo investigador, ator e encenador José Eduardo Silva, contribuindo para o desenvolvimento de uma escala de avaliação do impacto da prática teatral na complexidade sociocognitiva dos indivíduos.

Por tudo isto, acreditámos que poderíamos de facto desenhar e levar a cabo uma formação que fosse ao encontro das dificuldades específicas destas crianças e jovens, tanto mais que contaríamos com o apoio de uma associação experiente como a Vencer Autismo. Pareceu-nos evidente a ligação entre o particular trabalho desenvolvido na formação em teatro e uma variedade de défices com que os indivíduos com PEA se debatem ao nível da socialização, da interação, da expressão individual e da comunicação com os outros.

Na investigação que fizemos para a preparação das Oficinas - não obstante a experiência prévia com alunos Asperger de uma das formadoras, este era, em grande medida, um contexto de trabalho desconhecido para nós – tivemos, no entanto, grande dificuldade em encontrar apoio teórico para esta nossa convicção. Encontrámos inúmeras referências à benéfica ligação entre Autismo e Artes, relatos de experiências que se centravam mais na preparação de espetáculos e menos na formação sem objetivo de exposição pública, encontrámos o trabalho de Amelia Davies e as experiências do SENSE Theatre®, no Vanderbilt Kennedy Center, dirigido por Blythe A. Corbett nos Estados Unidos. Mas nenhuma investigação mais rigorosa, nenhum apoio científico, nenhuma base teórica que permitisse, desde logo, fundamentar o interesse da nossa formação a um nível aprofundado, para além do mais superficial valor de “entretenimento saudável”.

Numa coincidência de que só mais tarde tomaríamos conhecimento, em setembro de 2015 – precisamente quando no Porto nos preparávamos para arrancar as Oficinas – foi publicado o estudo “Improvement in Social Competence Using a Randomized Trial of a Theatre Intervention for Children with Autism Spectrum Disorder”, desenvolvido por Blythe A. Corbett e uma equipa de investigadores. Aqui se dá conta dos resultados de uma experiência que testou a eficácia da intervenção baseada em teatro e mediada por pares com um grupo de 30 crianças com PEA, com idades entre os 8 e os 14 anos. No final da intervenção, constituída por 10 sessões de 4 horas, os investigadores observaram melhorias ao nível das competências sociais, das dificuldades na comunicação, da capacidade para brincar em grupo e da memorização de caras.

Este foi o primeiro (e até agora único) trabalho que encontrámos onde se aponta uma base científica, com resultados mensuráveis, para a defesa dos benefícios de uma intervenção baseada em teatro nestas crianças e adolescentes. Não obstante a possível existência de outros trabalhos semelhantes, o facto de não ser fácil obter este tipo de dados levou-nos a desejar aumentar o potencial impacto desta nossa formação. Em grande medida, as fontes de informação que encontrámos ao preparar as nossas Oficinas Criativas foram o registo de artistas que

implementaram este tipo de *workshops* ou experiências de criação, e os testemunhos de formandos autistas, nomeadamente o seu reconhecimento dos benefícios que o encontro com as práticas artísticas trouxe às suas vidas.

Assim, desenhamos este primeiro ano das Oficinas Criativas – em que decidimos aliar as potencialidades das artes visuais à formação assente nas práticas teatrais - como uma primeira experiência de aprendizagem, de teste, de observação, de constante reformulação das nossas ideias e propostas. Mas sempre com o desejo que este fosse apenas um primeiro passo no desenvolvimento de uma atividade e de uma investigação a que pudéssemos regressar, talvez mesmo com um carácter regular, como uma linha de atividade anual do nosso Serviço Educativo, cujos resultados pudessem gradualmente aumentar de impacto e alimentar o estudo dos benefícios das práticas artísticas em contextos terapêuticos.

Estas “Notas da Oficina” são o registo deste primeiro passo ou projeto-piloto. Têm como principal ambição a partilha dos nossos objetivos, das nossas dificuldades, dos exercícios que implementámos, das pequenas vitórias alcançadas e das barreiras a ultrapassar com toda a comunidade interessada, quer sejam terapeutas, professores, investigadores, familiares de crianças e jovens com PEA, ou outros artistas que queiram desenvolver projetos semelhantes.

Para que esta partilha seja tão alargada e abrangente quanto possível, traduzimos este registo em língua inglesa e disponibilizámos livremente ambas as versões (portuguesa e inglesa) na “Galeria” do site do Visões Úteis, sendo que tivemos ainda particular atenção às descrições e palavras-chaves atribuídas aos documentos, de modo a facilitar a indexação por parte dos motores de busca e, assim, potenciar a sua difusão.

Estas “Notas da Oficina” são, também, o registo do nosso desejo de continuar a fazer. E a fazer cada vez melhor. Ou, como diria Samuel Beckett, a falhar cada vez melhor.

Ana Vitorino, Diretora Artística do Visões Úteis  
maio de 2018

### **1.1. sinopse do projeto**

As **Oficinas Criativas Visões Úteis em parceria com a Vencer Autismo** tiveram como principal público-alvo crianças e jovens com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA), nomeadamente Autismo Altamente Funcional e Síndrome de Asperger.

Na sua experiência-piloto, as Oficinas Criativas decorreram ao longo de 10 meses, de meados de setembro 2015 a meados de julho de 2016 (9 meses de contacto, período correspondente ao ano letivo + tempo de preparação + tempo de avaliação). Neste ano zero tiveram assim lugar 68 sessões e mais de 100 horas de contacto, de interação com um grupo de crianças e jovens com PEA, familiares e comunidade envolvente.

A formação foi constituída por duas sessões semanais nas instalações da Vencer Autismo, no Porto - com a duração de 1h30m cada – orientadas por duas formadoras experientes. Estas sessões combinaram atividades e exercícios das áreas das artes performativas e visuais, e foram desenhadas de modo a potenciar os benefícios das atividades artísticas no contexto das características e necessidades específicas destes formandos.

### **1.2. as instituições parceiras**

O coletivo Visões Úteis desenvolve há mais de duas décadas um trabalho artístico marcado pela colaboração, pelo cruzamento de diferentes artes e por um forte sentido ético ligado à exploração estética. Nas suas produções e, sobretudo, nas atividades do seu Serviço Educativo tem desenvolvido consistentemente iniciativas que incluem o trabalho com diferentes comunidades e com populações excluídas – habitantes de bairros sociais, populações seniores, reclusos, imigrantes que aguardam legalização –, procurando cruzar públicos e desafiar preconceitos. A abordagem da exclusão através das práticas artísticas é parte integrante da identidade do coletivo.

As duas formadoras destas Oficinas – Ana Azevedo e Inês de Carvalho – integram há muito a equipa do Visões Úteis, participando não só nas suas criações – nas áreas da representação e da realização plástica – mas também orientando várias das iniciativas do seu Serviço Educativo. As formadoras contaram ainda com o apoio de Ana Vitorino, Diretora Artística do Visões Úteis e licenciada em Psicologia (Área Clínica) pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, e Carlos Costa, Diretor Artístico do Visões Úteis e doutorado em Estudos Teatrais e Performativos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A parceria com a Vencer Autismo acrescentou a esta dinâmica e experiência o *know-how* específico e uma visão ampla e empenhada sobre as perturbações abordadas. A Associação Vencer Autismo, fundada em 2010, tem desenvolvido diversas atividades no sentido de uma maior consciencialização e sensibilização para o autismo, tendo trazido a Portugal a formação The Son Rise Program®, com o objetivo de proporcionar às famílias com crianças e jovens com autismo ferramentas para os ajudar a desenvolver o seu máximo potencial.

### **1.3. o público-alvo**

As Oficinas Criativas são uma formação destinada a crianças e jovens com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA), nomeadamente Síndrome de Asperger e Autismo de Alto Funcionamento. Neste ano zero do projeto (2015/2016) experimentaram as Oficinas participantes com idades compreendidas entre os 2 e os 21 anos.

O projeto aplica-se com maior relevância a um espectro de idades em que se estão ainda a desenvolver as capacidades cognitivas, expressivas e de interação/socialização.

As pessoas diagnosticadas com PEA sofrem das consequências resultantes de lacunas cognitivas e défices comportamentais - no domínio da comunicação, da descodificação dos contextos e situações, da expressão e das interações interpessoais e sociais a vários níveis. Paralelamente, a estas patologias estão também associados modos particularmente ricos e complexos de apreensão e interpretação da realidade, das relações e das emoções – que, quando explorados criativamente e representados, têm um relevante potencial artístico.

Este projeto visa o preenchimento das lacunas diagnosticadas – colocando as ferramentas artísticas ao serviço dos défices específicos do autismo -, transformando simultaneamente em forças aspetos que são comumente designados de fraquezas – incentivando o seu potencial criativo -, ajudando estas crianças e jovens a compreender e defender o seu papel na sociedade, não deixando nunca de expressar a sua identidade individual. As Oficinas

Criativas visam promover a aquisição de uma maior autoconfiança no desempenho individual e nas interações sociais, através do exercício de uma melhor compreensão das emoções e ações, em si e nos outros.

As crianças e jovens com PEA sofrem não só com as suas dificuldades mas, principalmente, com as formas desajustadas como a sociedade tenta lidar com elas; é assim relevante promover novos contextos de relação, onde o conforto e a liberdade sejam assegurados, para que se possam trabalhar as competências sociais e afetivas em falta; as crianças e jovens com PEA apresentam na sua maioria dificuldades em comunicar, em expressar os seus sentimentos e emoções, em encontrar a sua autonomia no mundo, na medida em que não conseguem articular as suas necessidades e desejos a cada momento; normalmente não conseguem seguir o ritmo e as regras estabelecidos pela escola regular, apresentam dificuldades em fazer ou manter amizades, não conseguem estabelecer ou manter relações fora do núcleo familiar ou dos seus cuidadores.

### ***1.3.1. caracterização do grupo de formandos no ano zero (2015/2016)***

**Carolina** (16 anos) - jovem adolescente, verbal, fortemente inspirada pelo universo mágico, musical e de fantasia. Possuidora de uma enorme capacidade criativa, responde bem aos desafios físicos e verbais. Adora desenhar e fá-lo com muito pormenor e cor. Quando motivada, agarra os exercícios de uma forma surpreendente, mas, em contraponto, apresenta bastante inflexibilidade quando a proposta não a motiva, ou quando esta não corresponde ao seu plano de jogo/ação/temáticas para o momento. E, nesse caso, é uma verdadeira resistente a tudo que é proposto. De temperamento doce, descobre de dia para dia novos desafios devido à sua curiosidade imensa por tudo que a rodeia.

**João** (21 anos) – jovem adulto, com relevantes dificuldades motoras e praticamente não-verbal. O João comunica com o seu olhar doce e escreve de uma forma surpreendentemente brilhante. Com algumas estereotipias que indicam de imediato o seu estado de espírito, o João participa de uma forma mais distante e observadora, e, quando se sente envolvido, “abraça” o grupo e os desafios propostos. De uma sensibilidade notável, absorve tudo com enorme facilidade, interpretando os acontecimentos à sua maneira muito pessoal. Escreve os seus resumos e impressões das aulas num tom particular e poético, partilhando com o grupo as suas emoções perante cada desafio.

**Teresa** (10 anos) – criança pré-adolescente muito curiosa e atenta, ainda que por vezes mais fechada e difícil de conquistar; ainda assim, demonstrando uma grande capacidade imaginativa. Muito inteligente, possuidora de uma memória incrível, com ótimas capacidades físicas e verbais. Não apresenta grandes estereotipias mas o seu humor é oscilante, o que acresce um esforço extra na sua conquista. Curiosa, empreendedora e perfeccionista em tudo que faz. Exigente consigo mesma, com uma enorme facilidade de compreensão das atividades propostas. A Teresa deixou o grupo a meio do ano por ter mudado para uma escola fora do Porto.

**Joana** (10 anos) – criança bastante dinâmica, alegre, com sinais evidentes de hiperatividade; a maior dificuldade que apresenta prende-se com a concentração, não sendo capaz de dedicar a uma mesma tarefa mais de um par de minutos sem dispersar, o que compromete desde logo alguma ideia de finalização. Com algumas estereotipias, evidentes e ocasionalmente disruptivas, é muito ágil a nível motor e revela boa capacidade verbal, ainda que pouco coerente na escrita onde se verifica um pensamento desarticulado, fragmentado e disperso. Responde efusivamente a todo e qualquer estímulo material, de onde decorre a sua dificuldade em manter um foco no decurso da sessão. Enérgica e com muita vontade de interagir com os outros. A Joana juntou-se ao grupo a partir do meio do ano, algumas sessões depois de a Teresa ter saído.

### ***Também experimentaram as Oficinas:***

**André** (3 anos) – criança não-verbal, irmão mais novo de dois jovens adultos, também autistas. Muito desenvolto ao nível motor e particularmente na motricidade fina, mostrando interesse, foco e concentração no encaixe de sólidos e alinhamento de formas e cores, formando padrões rigorosos. Não chegou a integrar efetivamente o grupo, mas quando esteve presente foi efusivamente acolhido, especialmente pela Carolina e pelo João.

**Pedro** (6 anos) - criança entusiasta e ativa, verbal, a frequentar sessões de terapia da Vencer Autismo. Integrou o grupo esporadicamente, participando com interesse em diversas atividades.

**Tiago** (2 anos) – criança alegre, confiante, bastante desenvolvida ao nível motor, não-verbal; experimentou apenas uma sessão.

## 2. Caracterização das Oficinas Criativas

### 2.1. os pressupostos

As sessões das Oficinas Criativas são desenhadas de modo a potenciar os benefícios destas atividades artísticas no contexto das características e necessidades específicas destes formandos. A combinação de atividades da área das artes performativas e visuais permite ampliar o âmbito do trabalho, oferecendo um campo alargado para a experimentação criativa, onde é dada especial atenção à expressão não-verbal, à exploração sensorial e ao simples ato de “fazer”, “agir”, e fazê-lo em grupo.

A experiência da formação em teatro incrementa a autoconfiança, a consciência corporal e a consciência vocal, estimulando simultaneamente a interação e a descoberta de liberdade criativa dentro de regras definidas.

O jogo teatral e a interpretação potenciam o desenvolvimento de competências sociais e comunicativas num ambiente controlado e seguro. São ainda particularmente úteis na prática do reconhecimento, identificação e expressão das emoções – ferramentas essenciais de qualquer ator.

A combinação com atividades da área das artes visuais permite ampliar o âmbito destas sessões, oferecendo um campo alargado para a experimentação criativa, onde a expressão não-verbal e a exploração sensorial têm também um lugar primordial.

É este lugar de cruzamento entre a *performance* e as artes plásticas que permite explorar, aprender e praticar essa “atuação”, em todas as tonalidades da sua essência e em todas as intensidades dos seus contornos. A prática e a experiência em contexto artístico vão criar condições de consciência e domínio de estratégias de interação humana e social, que permitirá aos alunos viver melhor consigo e com os outros, dominando melhor o seu desempenho.

As Oficinas Criativas pretendem ser esse espaço de funcionamento especial, de liberdade e de criação imersiva, em que, de alguma forma, vamos nós, formadoras e espaço de formação, ao encontro dos formandos. Para depois, sairmos juntos e, em simultâneo, com uma consciência individual e social reforçada.

A progressão na formação permite a transmissão de um conjunto de estratégias para lidar com o mundo exterior. Os benefícios práticos da formação traduzem-se nas dinâmicas de socialização, no desenvolvimento da empatia, no saber trabalhar em grupo, na consciência corporal, no reconhecer das situações e das emoções expressas pelos outros, na escolha do modo adequado de responder em cada momento ou interação - funcionalidades estudadas e desenvolvidas pelos atores no seu trabalho.

Paralelamente, o projeto inclui um trabalho de avaliação, registo, reflexão e síntese dos problemas e evolução do grupo, das metodologias e práticas propostas, dos resultados e impacto real e faseado do projeto. As formadoras mantêm um *blog* interno, de trabalho, onde se vão acumulando os materiais produzidos nas sessões (fotos, vídeos e textos), bem como as observações, impressões, e reflexões sobre cada momento de trabalho. Este *blog* constituiu um importante acervo documental, impressivo, organizando informações e materiais, dados essenciais para a mais cuidada e informada avaliação contínua.

Para além das sessões propriamente ditas, do registo semanal dos seus resultados (através do blog interno) e a formulação deste documento final de referência, síntese de práticas e reflexão, previmos ainda como pressuposto destas Oficinas o levantamento prévio das dificuldades, necessidades e expectativas dos formandos e a avaliação final do impacto da iniciativa, dentro do grupo de participantes e com o contributo dos familiares e outros potenciais avaliadores próximos.

Estes dois objetivos iniciais foram os que se revelaram mais difíceis de atingir. Confrontámo-nos com a dificuldade de concentrar as inscrições e avaliações prévias dos formandos num único e primeiro momento, e também com a incapacidade de recolher uma avaliação final estruturada e diversificada. Serviu, no entanto, este ano zero para fazermos o levantamento das características e procedimentos necessários a esta avaliação, nomeadamente para criarmos questionários adequados à informação relevante a cada momento e à entidade a que se destinam.



## **2.2. objetivos gerais**

- \_aquisição de autoconfiança no desempenho individual e nas interações sociais;
- \_desenvolvimento de uma noção de autoestima individual;
- \_promoção de uma noção de identidade em grupo;
- \_reconhecimento e compreensão das emoções em si próprio e nos outros;
- \_desenvolvimento de uma mais apurada consciência corporal e expressiva;
- \_aquisição de melhor controle nos volumes do tom de voz;
- \_conquista de melhor controle na amplitude dos gestos e dos movimentos do corpo;
- \_aquisição de competências expressivas que facilitam a comunicação interpessoal;
- \_promoção de um espaço de criação e de fruição estético-artística;
- \_aprendizagem de novas competências para o desempenho numa atividade de grupo;
- \_desenvolvimento de uma atividade em continuidade que gera uma ideia de compromisso.

## **2.3. linhas programáticas e metodológicas**

Neste ano zero do projeto (2015/2016) tivemos muito presente a ideia de que queríamos que as Oficinas Criativas funcionassem como contexto facilitador de momentos de contacto (físico, emocional, relacional):

- \_de cada participante consigo próprio – *quem sou eu hoje aqui, agora? como me sinto, o que quero, preciso, desejo?*
- \_de cada participante com o espaço físico envolvente – *como me posso mover, em que posso mexer, o que posso fazer? onde, como, posso? o que vou encontrar? onde me sinto seguro?*
- \_de cada participante com o outro – *quem está hoje (no) presente? o que te quero dizer, fazer, pedir? o que fazemos, descobrimos, encontramos juntos?*
- \_de todo o grupo, entre si, com o espaço e no tempo – *como nos vamos posicionar, relacionar com o espaço, com os materiais, com os outros? o que (nos) vai acontecer? o que (se) vai transformar? que poder temos hoje, que necessidades, que vontades, que desejos?*

As Oficinas Criativas pretenderam criar um espaço – físico, social, emocional e de criação -, um lugar de encontro, de descoberta e de partilha, proporcionador de contextos de interação em segurança e em liberdade. Um lugar onde as características individuais e específicas de cada aluno, que “cá fora”, no mundo da socialização normalizada, tendem a causar problemas e incompreensões, pudessem ser vistas e trabalhadas como as mais valiosas, porque eminentemente criativas e relacionadas com uma visão artística do mundo e das emoções.

### **2.3.1. etapas**

#### **BLOCO I**

Na primeira grande etapa tomamos conhecimento do espaço físico e, juntos, tomamos conhecimento uns dos outros, de cada indivíduo dentro do grupo. Damos tempo à formação do grupo enquanto um conjunto de entidades individuais que se vão, aos poucos, revelando. Num ambiente de segurança e de confiança permite-se uma liberdade de expressão que pode até ser bastante individual.

#### **BLOCO II**

Num segundo momento procuramos gerar intersecções entre os espaços individuais de cada elemento do grupo e estamos atentos à descoberta de pontos de contacto, lugares comuns, expressões que se conectam de alguma forma. Procuramos criar uma sensação de conforto, de continuidade e de estabilidade por via da pertença – da ligação à experiência, ao espaço e ao grupo, pela concretização da ação individual e das interações e diálogos daí decorrentes. A observação das expressões próprias e do outro produz um sentimento de consciência, de compreensão e de aceitação, e é a partir destas intersecções expressivas, geradas pela interação funcional de diferentes entidades individuais, que se começa a germinar uma confiança mais efetiva e consequente.

#### **BLOCO III**

Num terceiro momento cria-se a ponte com o resto do mundo, uma ponte onde a *performance* – vinda da ideia de “desempenho”, de “fazer para si e para os outros”, de “fazer em conjunto” - pode trazer benefícios a vários níveis. As crianças e jovens com Autismo Altamente Funcional e Síndrome de Asperger não desenvolvem a habitual e progressiva aprendizagem da socialização, pelo que as dimensões exploradas no contexto das artes performativas e visuais podem constituir-se como verdadeiras ferramentas para a interação e para a decodificação de situações, de emoções e de reações (de si e dos outros).

### **3. Sessões**

#### **3.1. sobre o tempo (*planeamento e imprevisibilidade*)**

Ao planear e, depois, ao concretizar cada sessão das Oficinas Criativas, descobrimos uma forma mais “elástica” de tempo. Por muito que planeássemos as sessões, depressa percebemos que nunca correriam como planeado. De facto, nunca investimos muito nesse exercício de futurologia. Antes, planeámos o presente e “fizemos acontecer” a cada minuto, cada segundo, da hora e meia de duração de cada sessão.

O planeamento acabou por se prender mais com a escolha do tema, da questão a levar para a sessão e, muito especialmente, com os materiais selecionados para conferir tonalidades e “temperaturas” a essa proposta (literários ou plásticos, visuais ou sonoros); prendeu-se mais com a forma como organizámos o espaço e com os caminhos que esse tempo “a habitar” abria – ou imaginávamos que pudesse abrir.

Há o tempo de chegar; o tempo de perceber quem está, e como está; o tempo de sentir a energia e a motivação do grupo; o tempo de reunir e apresentar a proposta. E a partir daí, a sessão adquire um tempo próprio. Numa espécie de montanha russa de momentos em que um minuto ou dois, ou mesmo um pequeno instante, concretiza o objetivo da sessão como um todo.

Cada sessão foi preparada com o seu mote narrativo diferenciado (literário, visual, sonoro, material, sensorial) servindo de proposta, convite, arranque formal para algo que sabíamos não poder nunca prever; podíamos sim estar focadas, atentas, com os sentidos de escuta apurados para seguir o caminho ou os caminhos que fossem sendo desenhados.

Cada sessão teve, de facto, a sua história única e nós, enquanto formadoras, tentámos ser apenas as guardiãs das portas de acesso - de entrada e de saída -, as cuidadoras dos espaços, não só exteriores como interiores, emocionais, físicos e materiais, assumindo a nossa posição de garante de uma estabilidade integrada, do conforto e da segurança necessários. Coube-nos desenhar os contextos apropriados para cada descoberta e cada exploração, abrir caminhos e lançar pontes, inspirar, incentivar, apoiar a viagem de cada participante e a viagem comum do grupo em cada sessão. E a nossa aprendizagem foi sempre sendo atualizada, de sessão para sessão, sem fórmulas ou formatos pré-definidos.

#### **3.2. sobre o espaço (*condições físicas e materiais*)**

Sabemos que, de uma forma geral, o espaço e as suas características físicas e materiais condicionam o que acontece, tendo forte impacto na forma de estar e de fazer do indivíduo e do grupo. E sabemos que para os nossos formandos esta questão é particularmente importante e determinante para a forma como se posicionam e se relacionam sensorialmente. O espaço da sala é a primeira instância de contacto físico que os alunos experienciam e por isso deve ser seguro, confortável, sedutor, e transmitir eficazmente o ambiente adequado a cada momento e em função das necessidades práticas de cada aula. O espaço deve responder às necessidades físicas de cada sessão, mas também de cada grupo e, numa escala mais aproximada, de cada indivíduo. Deve ser acolhedor, sedutor e inspirador ainda que, numa primeira fase, esvaziado de informação para que haja bastante margem para a construção e o preenchimento com elementos pessoais correspondentes às motivações de cada participante (alunos, formadores, familiares).

A iluminação do espaço deve ser cuidada e preparada para cada momento e para cada intenção. Este é um aspeto fundamental que não deve nunca ser descurado. Para cada sessão podem ser preparados diferentes esquemas de iluminação que permitam criar e jogar com diferentes intensidades luminosas, respondendo a diversificadas intensidades emotivas provocadas pelos exercícios ou respondendo às necessidades do grupo e de cada um.

Demarcar no espaço um centro de acolhimento e de recolhimento é essencial para a criação de uma rotina de chegada e de boas-vindas, mas também de forma a garantir que existe um lugar de fuga e pausa onde, no decorrer da sessão e sempre que houver essa necessidade, a calma possa ser reposta, os desabafos ouvidos e as experiências partilhadas.

Deve ser um espaço de alguma forma unificado e centralizador, com poucos recantos e despido de elementos que possam dispersar ou perturbar. A acústica é fundamental. O eco pode ser extramente perturbador e condicionante.

Com o passar do tempo o espaço torna-se familiar e adquire o desejado papel facilitador de bem-estar e de uma boa predisposição para o trabalho e para a descoberta. O espaço físico torna-se o espaço emotivo e íntimo, onde tudo o que acontece permanece. Será sempre um espaço de memórias e reflexões que ajudam a construir, camada após camada, num investimento relacional e progressivo.

No entanto, esta familiaridade e este à vontade, que naturalmente acontecem com o decorrer das sessões e com o acumular de experiências, podem, a determinada altura, tornar o espaço da sala tão íntimo que os alunos já sintam que lhes é permitido fazer o que quiserem, quebrando as regras estabelecidas. É, por isso, essencial identificar estes momentos e intervir atempadamente, renovando e adaptando o espaço às novas necessidades.

### **3.3. sobre os conteúdos (uma visão geral)**

\_exercícios de mapeamento: consciência dos espaços do corpo e da sala

*Através da observação concreta dos espaços que o nosso corpo ocupa e que ocupam as coisas que nos rodeiam, e de como esse corpo e essas coisas são constituídas, podemos elaborar mapas cognitivos do mundo. Organizar, definir categorias, é um processo muito presente na formação de conceitos para compreensão do mundo. Tomar o corpo e o mundo em partes ajuda a melhor compreender os espaços e os lugares de interseção, logo de interação. Com recurso a formas de expressão plástica e visual, podemos reconhecer padrões de encontro.*

\_exercícios de autoconsciência: consciência emocional, expressiva e corporal

*A partir de ferramentas diversas, verbais e não-verbais, usamos a criatividade para explorar formas de estar e agir. Percebemos que existem variadas formas de integração e, perante uma audiência (colegas ou público), aprendemos a utilizar essas ferramentas expressivas e criativas para uma melhor autoexpressão e apresentação individual.*

\_exercícios de visualização

*Recortar, selecionar, para ver melhor. Esta é uma ferramenta estético-expressiva que usamos complementarmente a vários exercícios, tornando os processos de criação visíveis para o grupo. Desconstruir para construir, desmontar para compreender, e deixar visível no espaço da sala de trabalho esses processos, essas transformações. Estes atos de registo ou documentação promovem uma sensação de segurança e continuidade. E também de compromisso.*

\_exercícios de observação, imitação e concretização

*Olhar para si e para o outro. Os jogos de observação e imitação permitem alargar as habilidades sociais, perceber o outro, saber esperar, observar e assim comunicar e adaptar-se. Repetir e concretizar pequenas ações, explorando-as de diversas formas, alargando as possibilidades de novas posturas, assumindo diferentes personagens ou formas de estar.*

\_exercícios de descompressão

*No espaço e no momento do teatro, é permitido gritar, correr e espreguiçar, sem limitações ou castrações. Neste espaço aprende-se a explorar as emoções, a mostrá-las sem receio, podendo assim compreendê-las. Descomprimir, exteriorizar, para compreender e aprender a controlar.*

\_exercícios de concentração

*O espaço da expressão criativa é um espaço privilegiado de viagem, de dispersão e de descompressão. Depois de mais libertos e leves, fica mais espaço para a concentração. A dedicação a um exercício curto e específico partindo do concreto e da repetição, do ensaio e do aperfeiçoamento, tendo como finalidade a apresentação no final da aula é fundamental para motivar o aluno a traçar um caminho e concentrar-se na concretização do mesmo. É importante que estes exercícios, cujo objetivo é estimular a capacidade de foco, estejam bem adaptados à dinâmica de grupo, respeitando o tempo de cada um e do grupo, sem pressões mas sim com finalidades.*

#### 4. Exercícios – alguns exemplos (materiais, sinopse, descrição e impressões)

Aqui apresentamos alguns dos exercícios levados a cabo durante este ano zero das Oficinas Criativas, cuja descrição complementamos com algumas “impressões” registadas no *blog* interno das formadoras após as respetivas sessões.

##### - MAPEAR OS CORPOS



**materiais:** pedaços grandes de cartão; marcadores grossos de cores diferentes.

**sinopse:** desenho dos contornos dos corpos num cartão e preenchimento de cada silhueta com informação “interna” e particular de cada aluno, selecionada pelo próprio; mapa de silhuetas que dá início a um processo de autoconhecimento, de reconhecimento de si e do outro.

##### **descrição:**

Com os cartões dispostos numa posição vertical e encostados à parede, é pedido a cada aluno que escolha uma cor e que se posicione de pé, na posição que pretender, de forma a ser possível desenhar o contorno do seu corpo. Com as silhuetas desenhadas, os alunos são convidados a preencher ou acrescentar do “lado de dentro dos corpos” o que quiserem (podem pintar, desenhar, escrever o nome, escrever as idades, gostos e desejos, etc.). Nas sessões posteriores, os mapas devem manter-se visíveis e presentes na sala, para que os alunos possam continuar a preencher esse interior, acrescentando informação trazida de casa: objetos ou representações de objetos – que são colados ou afixados nas silhuetas -, importantes para si e para a sua vida, de algum modo relacionados com as suas motivações, como flores, pedras, carros, lápis, representações em plasticina ou desenhos da comida preferida ou do animal preferido.

##### **impressões:**

*Num primeiro momento, na sala que faz de antecâmara à sala de trabalho, desenhámos as silhuetas dos nossos corpos em placas brancas de cartão e, no interior dessa fronteira, desenhámos/escrevemos coisas sobre nós (factos e preferências, como por exemplo a nossa altura e as coisas que gostamos, cheiros, sabores, objetos). Nas aulas seguintes o João levou um cristal rosa (que representa as energias em que acredita), biscoitos do cão (amigo) e um lápis (representa a vocação da escrita, que é também a forma como melhor comunica) para colarmos no seu “mapa”. A Inês levou um pau de canela e a Ana um ovo estrelado em plasticina. A Carolina e a Teresa não chegaram a levar nada, mas desenharam e escreveram.*

## - JOGO DOS 4 CANTOS



**materiais:** fita de papel para marcar 4 espaços no chão.

**sinopse:** exploração, de uma forma física e tangencial, dos 4 grandes territórios emocionais: ALEGRIA, TRISTEZA, LIBERDADE, APATIA; mostrar através da mímica e/ou sons como interpretamos estas emoções em cada espaço marcado.

### **descrição:**

Cada canto ou espaço na sala é marcado no chão (formando um quadrado para que a representação possa ser dirigida para o centro) e indica um estado de espírito – APATIA / ALEGRIA / TRISTEZA / LIBERDADE. É pedido ao grupo que ocupe um destes espaços do quadrado e que “faça de conta” que ri (alegria) ou que chore (tristeza), que faça o que lhe apetecer (liberdade) ou que não faça absolutamente nada (apatia), podendo assim apenas observar os outros em cada espaço. Este é um exercício de expressão física, não para procurar sentir ou aprofundar demasiado as emoções, mas para perceber como cada um reage imediata, física e expressivamente à sua própria ideia de representação de cada um destes estados.

### **impressões:**

*Todos passámos mais do que uma vez por cada um destes cantos, os alunos iam expressando à sua maneira cada estado com a nossa orientação e muitas vezes imitando o que nós (formadoras) fazíamos. No final, foi pedido que cada um escolhesse o canto que mais gostava para continuar a explorar e a representar. Foi interessante observar que as formadoras e as mães (ou seja, as “crescidas”) foram todas para o da “liberdade” e os formandos (ou seja, as “crianças”) foram todos para o da “alegria”, continuando a saltar e a rir, no fundo uma forma de liberdade onde se sentem mais confortáveis e felizes.*

## - AS 4 ESTAÇÕES



**materiais:** 4 músicas diferentes, diferentes materiais e texturas.

**sinopse:** exercício de aquecimento que consiste em explorar, pelo espaço, sensações e momentos marcantes que representem cada estação para cada um; as diferentes músicas, juntamente com a palavra de ordem da formadora, ajudam os alunos a perceber quando muda a estação.

### descrição:

A formadora enuncia a estação e, movimentando-se pelo espaço, os alunos experimentam imaginar que estão a sentir as sensações/emoções que correspondem a essa estação (como frio no inverno, calor no verão, chuva no outono...) assim como os momentos/acontecimentos mais significativos (ir à praia, passear no jardim, representar o Natal, saltar em cima das folhas do outono, brincar no parque...). Sempre que muda a música, muda a estação. As ações e expressões de cada estação devem ser exploradas até ao limite, podendo cada um descobrir individualmente a situação que está a representar ou juntarem-se em grupo para criar histórias e interagir no universo de cada estação.

### impressões:

*Fizemos um pequeno aquecimento pelo espaço passando pelas 4 estações com as ações mais marcantes de cada uma. Aquecemos, esticamos e a imaginação começou a voar, as “super-brilho” (Carolina e Teresa) entraram em ação e com tudo mais agitado voltámos ao centro, à luz baixa, à música calma e conversámos sobre as estações, sobre o melhor e o pior de cada uma, até às prendas para o Natal. Entretanto o João escreveu sobre o verão, a sua estação preferida, e sobre o mar. “O que eu gosto é do verão porque há mar e o mar é poderoso e curativo.” Levámos adereços, figurinos e outros materiais para continuarmos a trabalhar no universo das estações. Com tudo mais calmo, preparámos uma ventoinha. Carolina e Teresa aceitaram ser vendadas, o João não aderiu e ainda tentou fechar os olhos, mas preferiu assistir à surpresa das colegas quando começaram a sentir o vento no corpo. Explorámos o vento, o frio, o arrepio e foi refrescante. Estávamos prontos para enfrentar o mau tempo e por isso fomos buscar figurinos, capas de chuva, mantas, chapéus...*

### - CONTA-CANTA-LÊ



**materiais:** 9 fichas (partituras gráficas) enroladas em canudos e colocadas dentro de tubos de cartão, numerados, na vertical; em cada ficha está um alinhamento de palavras-sons (interjeições e derivações dentro da mesma família emocional; ex: ESPANTO = oh! ooooouuuOH! Ó ó ó H.....Ah!).

**sinopse:** cada ficha é uma partitura gráfica, escrita de forma a modelar/manipular as entoações, usando diferentes tamanhos e intensidade nos desenhos das letras, usando e abusando das pontuações, constituindo um texto que é para se contar, a ler e a cantar ou, mais precisamente, a vocalizar, improvisando livremente.

### descrição:

Cada formando tira uma ficha e lê, tentando vocalizar o que está escrito, experimentando o maior número de variações sonoras e interpretativas. Para os formandos não-verbais a formadora dá o exemplo, procurando abrir possibilidades de imitação, para que se sintam à vontade a verbalizar alguns sons e variantes.

### impressões:

*Inspiradas na obra “Livro sem bonecos” de B. J. Novak, criámos um jogo para explorar diferentes sons e suas variantes. Toda a sessão foi desenvolvida a partir deste jogo, com vocalizações a solo, a pares ou em trio, com coreografias espontâneas, com dramatizações a solo ou acompanhadas, resultando de forma surpreendentemente criativa nas respostas. (de vez em quando a Carolina não resistia a comentar: “parecemos meninas autistas!”).*

## - BONECOS ARTICULADOS



**materiais:** fotografias de corpo inteiro dos formandos impressas em papel A4 a preto e branco, tesoura, fita-cola, cola, tachas para unir as peças, cartolinas.

**sinopse:** trabalho de criação plástica e interpretativa; construção de personagens para desenvolver improvisações, situações teatralizadas ou histórias em torno da manipulação de bonecos articulados.

### **descrição:**

A partir das imagens de cada um, impressas em papel, e usando as suas motivações e temas preferidos, vamos colorir, pintar, recortar e acrescentar elementos novos, como figurinos ou adereços (capas, coroas, caudas, cabelo). Todos estes elementos são colados numa cartolina e em seguida são recortadas as diferentes partes do boneco (cabeça, tronco, membros). As partes cortadas são novamente unidas com tachas para que o boneco se torne articulado. A partir das fotografias de cada um, desenvolvem-se personagens mais ou menos fantásticas que são convocadas para pequenas improvisações e histórias, onde aparecem todos os bonecos articulados. Cada um projeta no seu pequeno “EU” uma personagem que gostaria de ser.

### **impressões:**

*Temos vindo a explicar que as aulas são também de expressão plástica e criativa, e que para se fazer teatro é necessário criar outras coisas e outras condições para “fazer acontecer”. Luzes baixas, música calma e focos apontados para uma parede, convidamos todos a sentarem-se para que assistissem a uma pequena improvisação (Inês e Ana) com os bonecos. A atenção foi captada e a partir desse momento todos quiseram experimentar e o “teatro” começou. Os bonecos saltaram da parede e correram a sala toda, voamos por vários planetas e a viagem foi longa. Acabou por correr bem e resultar.*

*O João escreveu: “O homem verde é o curador. Procura no planeta com muita densidade levar as pessoas a amar mas há super-heróis mundanos que ocupam as mentes das pessoas com fantasias. A rainha procura a energia mudar e com as asas abertas quer voar, mas as fadas terrenas entretidas com os anéis de Saturno não conseguem ver o brilho do olhar e do coração por abrir.”*

## - CONTA-ME PELO MOVIMENTO



**materiais:** música, papel cenário, marcadores.



**sinopse:** procura de modos de provocação do fazer baseado nos canais puramente sensoriais - ação/reação, emoção/expressão, gestos tornados visíveis através do registo pictórico e gráfico; o exercício parte da música como estímulo provocador das relações com o nosso próprio corpo, com o outro e com o espaço e, em último lugar e quase acidentalmente, com a folha de papel colocada na parede, como paisagem horizontal pronta a ser marcada, registada ou pintada.

**descrição:**

Prepara-se uma *playlist* diversificada (música clássica, música com diferentes ritmos e sonoridades, com diferentes instrumentos). Primeiro responde o corpo pelo movimento como aquecimento e reconhecimento musical; procuramos mexer todos os músculos do rosto e do corpo por partes e depois o corpo todo livremente ao som das variações melódicas. Numa segunda parte as músicas repetem-se, mas, desta vez, os alunos influenciados pelos diversos ritmos musicais tentam, numa parede com faixas de papel cenário, riscar, rabiscar, desenhar linhas, círculos, que representam as variantes musicais. Primeiro o aluno é orientado, a formadora acompanha mão sobre mão numa espécie de dança a dois e, em seguida, continua a solo e livremente a desenhar o seu “gráfico” musical influenciado pelo que está a ouvir e a sentir.

**impressões:**

*Depois da experiência com as partes do corpo e depois da dança livre num primeiro “encontro” com as músicas escolhidas, centrámo-nos no registo gráfico das emoções e sensações que a música provoca no corpo, canalizando essas forças para a mão que inscreve cor na folha, que a marca definitivamente. A solo ouvimos a música e reagimos com o traço produzido pela mão, riscando o papel como se o coração estivesse aí mesmo, na mão; a pares ouvimos a música e usamos a mão do outro (a Carolina conseguiu manter os olhos fechados quando estava a ser guiada pelo desenho) para riscar o papel como numa dança (de confiança) a dois. Resultou uma espécie de gráficos, tipo eletrocardiogramas musicais, que são também como uma escrita, que pode ser lida da esquerda para a direita. Foi uma sessão calma, bem dançada, bem partilhada.*

**- CONTA-ME PELOS TEUS OLHOS**



**materiais:** cadeiras, mesas, marcadores, folhas, papel cenário, fita papel

**sinopse:** inspirado num conhecido exercício de arte/filosofia – *the blind painter* -, desenhou-se este exercício, o “conta-me pelos teus olhos”; um exercício de grupo (a 3) onde um (A) cria, pintando ou colando pedaços de papel na parede, ao mesmo tempo que outro (B), de costas para esse desenho “em construção”, tenta reproduzir a mesma ilustração/narrativa que o terceiro (C) descreve/relata verbalmente ao mesmo tempo que observa o registo que “aparece”.

**descrição:**

Prepara-se uma folha branca muito comprida na parede, lembrando um rolo de filme preparado para a captação de uma imagem. A folha divide-se em (por exemplo) 5 zonas numeradas na margem, deixando limpa de informação toda a extensão da folha de trabalho. O exercício desenvolve-se da esquerda para a direita como uma espécie de escrita, permitindo depois “ler” o resultado também da esquerda para a direita como uma longa página de livro. A lógica do exercício é a seguinte: um elemento do grupo (A) intervém diretamente no papel colocado na parede, desenhando e pintando ou colando pedaços de papel de determinada cor previamente pintados e recortados, procurando uma composição com formas reconhecíveis; enquanto outro elemento do grupo (B) tenta representar

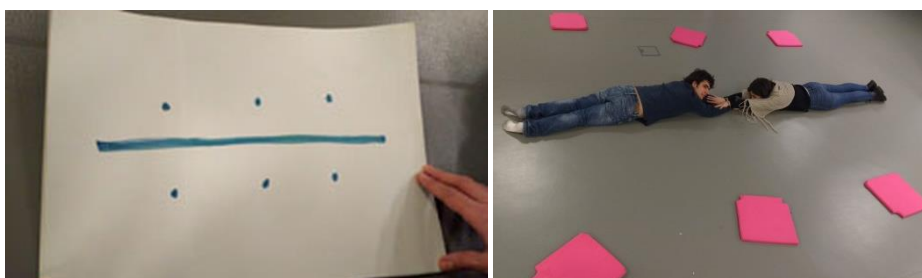


(replicar, duplicar) no espaço de uma folha A4 as situações visuais e espaciais que estão a acontecer (fá-lo a partir do que ouve), está sentado de costas para o desenho e costas com costas com o terceiro elemento do grupo (C) que, diretamente virado para a parede onde o desenho “acontece”, vê com os seus próprios olhos e tenta descrever com o maior rigor possível para o colega que, “às cegas” tenta reproduzir o que ouve descrever, vendo apenas o que as suas mãos vão criando na pequena folha.

#### **impressões:**

*O exercício foi absolutamente surpreendente, com momentos de revelação brutal – quando, por exemplo, dois desenhos (o da parede e o da folha pequena), do mesmo momento, são confrontados expondo não só as formas de ver de todos, mas também as formas de descrever, comunicar e pensar visualmente que se tornam visíveis pelo desenrolar do processo. O exercício decorreu sequencialmente no espaço da folha, da esquerda para a direita, da situação 1 para a situação 5, mas também no espaço da sala, num movimento de passagem ou translação. Pudemos constatar que todos participámos ativamente, de modo colaborativo, imersos em conjunto no exercício. A hora passou sem darmos conta e, no final, cada um contou a história que viu exposta no rolo de filme, paisagem horizontal, agora habitada e “acontecida” na parede.*

#### **- ESQUEMATIZAR COM O CORPO**



**materiais:** almofadas, sapatos, folhas A4, marcadores, máquina fotográfica.

**sinopse:** a partir de esquemas gráficos desenhados em papel com pontos e linhas, o objetivo é reproduzir cada um dos esquemas com o corpo e com objetos no chão (imaginando que a reprodução seria vista de cima). Um jogo de observação, consciência do espaço, do corpo e das relações possíveis.

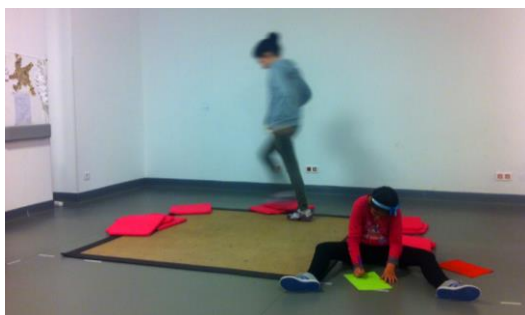
#### **descrição:**

Preparam-se esquemas em papel compostos por linhas e pontos – cada folha é um gráfico. Dois a dois, e depois de observar bem o esquema, tenta-se reproduzir com o corpo e com recurso a alguns objetos que existam no espaço as linhas e os pontos do esquema na relação posicional proposta pela composição. Vista de cima, a composição 3D de corpos e objetos terá de ter a mesma composição que a apresentada (2D) na folha de papel. Um terceiro elemento que permanece de fora faz um registo fotográfico para ser comparado com o esquema inicial desenhado no papel. Comparam-se os dois.

#### **impressões:**

*Em grupos de dois para começar e depois todos juntos. Resultou muito bem e o João aderiu a tudo e fez todas as posições pedidas mantendo-se imóvel o tempo necessário para compor a figura.*

## - MÍMICA COM POUCA HISTÓRIA



**materiais:** música, lista com 12 descrições/mímicas.

**sinopse:** 12 mímicas simples com pouca história, ações que reconhecemos do dia a dia para explorar sem sair do lugar, permitindo trabalhar o corpo e a expressão ao máximo.

### descrição:

A partir de uma lista com 12 mímicas, os alunos escolhem à vez um número; a cada número corresponde uma mímica que é feita sem saírem do lugar. Alunos e formadores devem posicionar-se em círculo para que todos possam ver o que os outros estão a fazer, trabalhando o individual mas em grupo. Depois de todos os números explorados, pode repetir-se a lista, mas desta vez com a possibilidade de interpretar as mímicas por todo o espaço.

Exemplos:

1. subir uma escada muito grande e apanhar um balão
2. cair num buraco fundo durante muito tempo
3. tomar banho com água fria
4. escovar os dentes e pentear o cabelo ao mesmo tempo
5. preparar um jantar complicado
6. adormecer em pé
7. nadar de costas em pé
8. voar entre as nuvens
9. caminhar sem sair do lugar
10. ficar congelado de tanto espanto e surpresa
11. ficar quieto
12. apanhar com muita chuva na cabeça

### impressões:

*Uma lista de 12 ações para fazermos, cada um escolhia um número e a seguir fazíamos o que era pedido. A Carolina, acompanhada pela sua boneca, estava entusiasmada em fazer tudo. O João, menos ativo que a semana passada e com menos energia, tentava acompanhar aquilo que eu fazia com muita insistência da minha parte mas acabava por se sentar e ficar a ver a Carolina a “dramatizar” e explorar de diversas maneiras cada ação.*

## - PINTAR E JOGAR



**materiais:** 4 dados - um com cores, outro com números, outro com propostas de sons e outro com propostas de movimento (uma proposta em cada uma das seis faces do dado); papel e marcadores.

**sinopse:** um exercício de desenho e pintura com regras ditadas pela sorte e o acaso, acionado pelos dados divertidos; com a possibilidade de acrescentar sons e movimentos durante o processo.

**descrição:**

Cada um ou cada grupo desenha a tinta preta o que quiser (apenas a traço, deixando espaços vazios). Depois de terminados, os desenhos são divididos com linhas horizontais e verticais formando uma espécie de grelha. O objetivo é pintar os desenhos respeitando as cores e o número de quadrados a pintar – esta informação sai no momento do lançamento dos dados. Numa primeira fase do exercício utilizam-se apenas os dados das cores e dos números. Numa segunda fase, depois das regras estarem bem implementadas, acrescenta-se o dado dos sons para que, enquanto se pinta cada parte da grelha, se produzam sons correspondentes nas suas possíveis variações. Mais tarde, podem ser introduzidos os dados do movimento, que desencadeiam alguma ação, reação ou posição – estes dados podem ser integrados após cada tarefa ou no final da atividade como forma de descompressão e libertação. Podem ainda ser usados individualmente para exercícios de aquecimento em qualquer sessão.

**impressões:**

*A Carolina desenhou um boneco com um grande chapéu e o João desenhou um coração. A Carolina entusiasmada e muito perfeccionista com a pintura e o João concentrado e esforçado a tentar pintar dentro dos quadrados e com sucesso. Fizemos um grande coração para pintarmos e jogarmos em conjunto e foi nesse momento que introduzimos o dado dos sons que tínhamos de fazer enquanto pintávamos. Foi divertido. No final, e para descomprimir, a surpresa e recompensa do dado das posições, movimento e ação, todos fizemos o que o dado ia “mandando”, saltar de uma mesa, rodar os braços, fazer a ponte, correr, rebolar...Sucesso! Boa disposição e cada vez mais cumplicidade entre os quatro.*

**- PERCURSO DE OLHOS VENDADOS**



**materiais:** fio comprido de malha, vendas para os olhos, cadeiras e mesas existentes na sala de aula, folhas de papel, ceras coloridas, aguada preta.

**sinopse:** um percurso de confiança, um caminho que traça uma viagem até onde a imaginação, a curiosidade ou a sensação de segurança deixar, um exercício importante para fomentar a confiança entre pares.

**descrição:**

Prepara-se um percurso conduzido por diversos fios atados a cadeiras e mesas para ser feito de olhos vendados, um exercício de confiança, uma viagem guiada pela imaginação de um espaço infinito de criação. O escuro e o caminho através do espaço transformado permitem diferentes possibilidades. A sala deve estar com pouca luz e o ambiente deve ser calmo e silencioso, de forma a criar uma sensação de conforto e segurança. Os formandos que oferecem resistência a ser vendados podem fazer o percurso sem venda respeitando o caminho que os fios traçam. No final de cada percurso, volta-se ao início e trocam-se os pares - quem foi conduzido tem agora a responsabilidade de ser condutor e transmitir a mesma confiança.

**impressões:**

*Começámos a aula no espaço à entrada da sala (o percurso já estava preparado no interior), começámos por desenhar com ceras em folhas A4, como uma espécie de registo de um sonho, um desejo de viagem. Por cima demos*

a aguada preta e a folha ficou “às escuras”. No final da aula e utilizando a técnica “grattage”, revelámos os desenhos, o nosso percurso, a nossa experiência.

A Carolina aceitou muito bem ser vendada, concentrada e muito mais desperta para todos os sons à sua volta, fez o caminho com muita confiança e só se assustou uma vez com um objeto com que não estava a contar e, por isso, quando trocámos e foi ela a conduzir-me, teve sempre o cuidado de me avisar de todos os objetos à minha volta. O João também guiou a Inês, foi acompanhando-a, mas às vezes ouvíamos a Inês a chamar por ele e lá ia ele dar-lhe novamente a mão, era nesses momentos que a Inês se sentia segura e confiante pela mão do João. Voltámos a trocar e desta vez a Carolina quis conduzir a Inês, que, segundo ela, é muito linda e gosta muito dela, por isso sentiu-se mais confiante. O João conduziu-me e ia fugindo de vez em quando, mas sempre que eu pedia para me ajudar ele vinha logo segurar-me a mão e conduzir-me. No final revelámos o “percurso” dos desenhos a cera nas folhas pretas, as cores foram aparecendo e o caminho ficou iluminado, cada um a descobrir com a sua interpretação. Houve ainda um pequeno momento em que o João, com a ajuda da Carolina, aceitou ser vendado e guiado por alguns segundos. E são estas as grandes conquistas.

## **- LÁ FORA**



O “Percurso de Olhos Vendados” pode ser também feito no exterior. Neste caso, o caminho é adaptado ao local ao ar livre, com especial cuidado na sua modelação, de forma a aproveitar os elementos naturais como árvores, galhos e folhas, subidas e decidas, acidentes do terreno.

### **impressões:**

*Lá fora é tudo diferente. Aberto e cheio de ar.*

*Combinámos que a sessão se realizaria no exterior, ao ar livre, e escolhemos o Parque da Cidade, junto ao Pavilhão de Água. Joana esteve muito dispersa e não conseguimos que se focasse na primeira parte da atividade que propusemos. Na vez da Joana, foi o seu pai que se deixou vender, logo depois da Carolina, para o exercício de ser guiado num percurso sensorial pela floresta (com a visão tapada e, por isso, com todos os outros sentidos mais despertos). Nunca tinha feito nada do género, nunca tinha sido vendado, nem guiado por outro. Foi por isso uma experiência forte e marcante para ele. Disse-nos que fê-lo dar mais valor ao sentido de espaço dos invisuais, e que sentiu o espaço maior, mais extenso... A Carolina já acumula alguma experiência neste tipo de exercícios e, mais uma vez, respondeu muito bem. Confiou plenamente na Ana como guia e deixou-se levar pela imaginação – viajou por florestas e venceu um vulcão! O percurso foi desenhado com uma linha de algodão rosa forte que ligava árvores entre si e desembocava numa mesa e bancos de pedra. Na segunda parte do exercício pedimos que recolhessem do espaço envolvente 5 objetos que achassem interessantes e com linha branca escolhessem um sítio específico do percurso para os atar/suspender no ar. Nessa missão, tanto a Joana como a Carolina reuniram em cima da mesa muitos mais objetos interessantes e a Joana até preparou uma pizza de paus, folhas, areia e pedras.*

## - EMOÇÕES ENFRASCADAS



**materiais:** o livro “O Monstro das Cores” de Anna Llenas, 5 frascos transparentes, papéis coloridos (amarelo, azul, verde, vermelho, preto).

**sinopse:** separar as emoções, perceber cada uma e pensar o que nos fazem sentir; o que sentimos quando estamos tristes? o que é que nos faz mais feliz? o que nos deixa mais saudades?

### **descrição:**

Partimos da fantástica história sobre as cores e as emoções que estas representam, “O Monstro das cores” de Anna Llenas e editado pela Nuvem de Letras, uma história que explica as emoções através das cores. Este Monstro sente-se confuso porque tem as cores todas misturadas e a solução dada pela sua amiga é separar as cores em frascos e explicar que a cada uma delas corresponde uma emoção. No final, o Monstro acrescenta uma nova emoção e enche-se de cor-de-rosa porque está apaixonado pela menina! O exercício incentiva à separação e organização das emoções para melhor as compreender. Cada um escreve ou desenha nos papéis coloridos que correspondem a cada uma das emoções aquilo que sente perante cada uma, ou o que cada uma dessas emoções nos faz sentir, e ainda em que situações nos sentimos dessa forma. Os frascos vão ficando cheios e no final lemos em voz alta tudo o que foi “enfrascado”.

amarelo = felicidade

azul = tristeza e saudade

verde = calma

vermelho = raiva

preto = medo

### **impressões:**

*Depois de contar a história e comentar um pouco o tema, separámos as cores em diversos frascos e colocámos rodela pintada com as cores que mais tínhamos sentido nesse dia. Em papéis das diversas cores escrevemos aquilo que nos deixava mais felizes, tristes, calmos, com raiva e com medo e depositámos nos respetivos frascos os papéis coloridos. Tentámos que o João escrevesse, mas ele continuou a pintar e recortar papéis para colocar nos frascos e foi-se mantendo sentado e percebendo o que se estava a fazer. A certa altura perguntei como se sentia e ele apontou para o VERDE-CALMA. Os frascos foram ficando cheios e, felizes, reparámos que o AMARELO ganhava na quantidade de papéis cheios de coisas boas. Depois lemos os papéis de cada frasco, divertimo-nos principalmente com o que estava no frasco amarelo e fomos questionando e descobrindo o que cada um tinha colocado nos outros frascos em relação às outras emoções. No final percebemos que algumas emoções podem misturar-se e até confundir-se e então decidimos construir o nosso MONSTRO DAS CORES. Cada um, com as cores com que mais se identifica, construiu o seu monstro cheio de emoções e cor.*



## - ESTÁTUAS



**materiais:** aproveitar o material disponível da sala, cadeiras, mesas e uma zona de espaço mais amplo.

**sinopse:** 1, 2, 3...estátuas! parar no espaço, manter uma posição dominando a (i)mobilidade, o equilíbrio e a consciência do corpo; em que posição estou? em que posição quero estar? quanto tempo aguento imóvel?

### **descrição:**

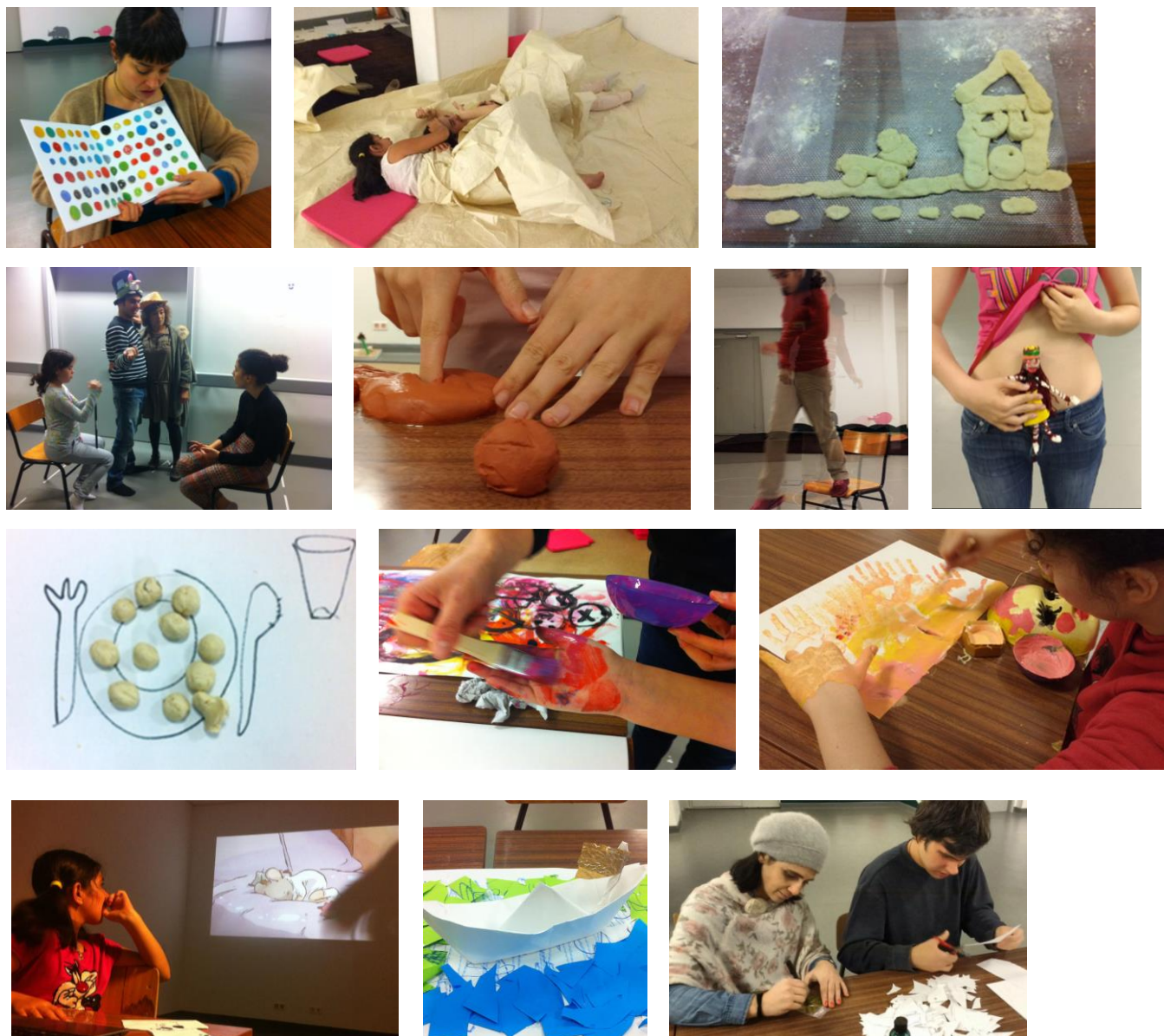
O jogo das estátuas pode ser desenvolvido em diversos cenários e contextos. A base é sempre a mesma: parar numa posição fixa e expressiva quando a música pára ou quando é dada uma palavra de ordem. Pode ser feito como aquecimento pelo espaço, onde os alunos dançam livremente ao som de uma música e assim que a música pára eles também param na posição em que estavam ou criam uma nova posição. O tempo de paragem vai crescendo à medida que o exercício vai evoluindo e à medida que os alunos se sentem mais confortáveis com a imobilidade do corpo. Também pode ser desenvolvido em grupo. Em grupo, todos tentam criar uma imagem fixa encaixando uns dos outros. As estátuas podem ter temas, ou seja, antes de a música parar é lançado um tema (alegria, espanto, frio, verão...) e as estátuas têm de reproduzir uma posição que tenha a ver com o tema ou com a emoção pretendida. Pode ainda fazer-se este jogo num cenário de “esculturas”. À vez, cada um ou cada par vai esculpir os corpos dos colegas criando uma imagem de grupo.

### **impressões:**

*Para esta sessão levámos músicas para dançar. Não músicas ao acaso, mas uma cuidada seleção de músicas conhecidas da Carolina, correspondentes às suas motivações, e um conjunto de músicas com as quais esperamos inspirar o João a dançar. A Carolina dançou, primeiro tentando reproduzir os clips de vídeo que tão bem conhece, depois tentando encontrar na sua expressão corporal uma forma de comunicar o que sentia a cada momento. O João não dança ainda uma música completa, tem necessidade de parar ou retirar-se para libertar energias através das suas estereotipias motoras e sonoras. Responde, ainda que por momentos, aos estímulos musicais numa forma comunicável para o grupo. A certa altura, o João pediu que baixássemos o volume da música. Quando a Ana parava a música ficávamos em estátuas.*

*Partimos de novo para as estátuas. Enquanto caminhávamos pela sala para soltar o corpo e relaxar, sempre que se ouvia STOP cada um teria de parar numa estátua expressiva durante algum tempo para que a Inês e a Teresa desenhassem as figuras que estavam a ver. Foi uma boa solução criar a representação pelo desenho visto que a Teresa não queria fazer o exercício. Correu muito bem. A Carolina aderiu lindamente criando estátuas de princesas, fadas e algumas personagens reais, o João conseguiu ficar em estátua muito tempo e mostrou-se confortável e feliz, os desenhos estavam a ficar soberbos e davam motivação a quem estava a “pousar” em estátua. Evoluímos no exercício para estátuas de grupo e acabámos por, à vez, moldar o corpo uns dos outros criando as nossas próprias esculturas. Ainda fizemos improvisação de contacto com o corpo, e a Carolina e o João também quiseram desenhar. A Teresa pediu para ir buscar a moldura dourada para criar imagens dentro dela. Poucas imagens foram criadas porque rapidamente a Carolina e a Teresa perderam-se a criar uma história de princesas. Entretanto o João sentou-se a escrever com a mãe sobre o jogo das estátuas: “O jogo das estátuas: Os corpos movem-se e entrelaçam-se uns nos outros criando histórias e imagens nas mentes de quem olha e passa. Sou uma estátua num corpo preso de molas ferrugentas ansiando por vida e escrever uma nova história.”*

**- outras atividades, materiais e técnicas recorrentes**



**Livros** e, especialmente, os **álbuns ilustrados** são indutores essenciais para contar histórias, para iniciar uma sessão, para introduzir um tema, para levantar uma questão; podemos explorar a história através de atividades muito diversas, usando materiais inspiradores (os mais simples são sempre os mais eficazes); podemos improvisar, representar, desenhar, construir e continuar, ou mesmo reinventar a história; as personagens são para “brincar” e as melhores oportunidades para construir figurinos e adereços ou criar novos cenários para elas; mais do que representar teatralmente as histórias que nos contam os livros, interessa-nos usá-las como meio para trabalhar ideias, emoções, sensações.

O **recorte** é uma técnica muito eficaz para compreender as partes do todo, para separar o todo em partes observáveis, para depois reconstruir noutra forma e noutro sentido; tornou-se numa atividade muito presente nas sessões e uma forma muito eficaz para comunicar não-verbalmente; é um modo rápido de agir sobre o material (papel, cartolina, tecido e até barro), que produz muito rapidamente o efeito do “fazer” e transmite o imenso prazer e poder de “transformar”.

O **barro** é o material de modelagem de eleição; conduzindo o foco para as mãos e a motricidade fina, o barro transmite sensações terrenas – o toque suave, o cheiro natural, que acalmam e potenciam um momento imersivo, introspetivo; podemos modelar com as mãos ou aplicar outros elementos naturais, como folhas e pauzinhos, construindo paisagens maravilhosas.

As **tintas** são um material de presença fundamental, conferem um prazer sensorial muito desejado; as mãos e o corpo rapidamente substituem os pincéis e, mais uma vez, o pintar (tal como o cortar) tem uma relação muito direta com o “agir”, o “fazer”, o produzir algo; no caso das tintas, fazem relacionar de modo muito próximo, direto e até íntimo, o corpo e o seu gesto com o produto final; verificamos que as canetas e as ceras são muitas vezes usadas para exploração oral (indo parar à boca, sendo até muitas vezes ingeridas), o que faz das tintas um meio mais eficaz porque, apesar de mais sujo, mais exuberante no fazer, não deixa tanto tempo livre para explorar o objeto que medeia a criação.

Usamos o **papel** das mais variadas formas, em que o escrever, desenhar ou pintar constitui a menor parte; o papel é um material leve, seguro e de poder altamente performativo quando usado em escalas mais radicais (por exemplo: coser folhas de papel de cenário até ter uma manta que, para além de cobrir a totalidade do chão, pode esconder-nos, em casas e grutas); podemos moldar o papel de forma eficaz apenas com as mãos, podemos agarrá-lo à roupa fazendo saias e adereços, podemos rasgá-lo, desfazê-lo e voltar a esticá-lo e uni-lo; incrivelmente versátil, o papel branco pode ser o que a nossa imaginação desejar.

A **improvisação** explora ferramentas diversas e fundamentais; a criatividade, a interação com o outro e com o espaço; na improvisação podemos criar e inventar livremente; com apenas alguns *inputs* exteriores podemos criar regras para dirigir todo um exercício de pura liberdade criativa; podemos improvisar a partir de adereços, espaços, personagens ou histórias. O tempo na improvisação é fundamental, podemos usá-lo como regra importante num exercício, pode servir de condicionante que ajuda a gerir comportamentos. Quando a imaginação começa a voar é difícil fazer parar, terminar e por isso é importante estabelecer logo de início as regras e o tempo. O tempo pode ser marcado por uma voz exterior que vai orientando o exercício e avisando que será preciso terminar dentro em breve. Talvez seja até o exercício com mais regras ou mais condicionantes que transmite a sensação de maior liberdade.



## **5. Avaliação e conclusões**

Os resultados destas Oficinas no seu ano zero foram aferidos quer sessão a sessão - pela reflexão de grupo, realizada no final do trabalho e complementada com o diálogo com os familiares dos formandos, e pela reflexão entre as formadoras -, quer de forma contínua - pela análise do material produzido nas sessões, o seu confronto com os objetivos traçados e a reformulação das sessões seguintes.

Como dissemos antes, uma parte relevante do que poderia ter sido a avaliação do impacto desta iniciativa não foi alcançável nesta primeira implementação das Oficinas. Ainda assim, muito foi possível aprender e concluir ao longo dos 10 meses desta experiência-piloto, por entre todas as pequenas vitórias e os momentos menos bem-sucedidos, ou tudo o que ficou por experimentar ou implementar.

Este primeiro desafio deixou um grande desejo de continuar, desenhando um segundo módulo das Oficinas que pretendemos levar a cabo brevemente. Para este desenho foram fundamentais as aprendizagens e reflexões recolhidas ao longo desta primeira experiência, que aqui partilhamos também por crermos serem relevantes para quem pretenda desenvolver uma formação de algum modo semelhante a esta.

### **- Pares**

À semelhança do que já víamos ser apontado noutras experiências - como as estudadas por Blythe Corbett ou as desenvolvidas por Amelia Davies -, terminámos este ano zero persuadidos de que a existência de pares, ou seja, formandos não autistas, envolvidos numa relação de parceria um-a-um com cada formando autista, representaria um considerável salto qualitativo para o impacto da formação.

Assim, numa segunda edição das Oficinas, parece-nos fundamental apostar num formato de formação que se abra a um grupo misto, no qual se integrem pares com interesse particular nos pressupostos e metodologias do projeto – sejam estudantes (de Psicologia, de Artes, ou de outras áreas relevantes), jovens profissionais ou familiares interessados em adquirir maiores competências para interagir com crianças e jovens autistas.

### **- A questão da idade**

Os limites etários dos formandos a integrar nas Oficinas Criativas é uma questão que tem vindo a ser debatida entre nós praticamente desde o início desta experiência, e que deverá ser bastante ponderada na definição de critérios para uma segunda edição.

Trata-se de encontrar balizas etárias adequadas, para que uma grande variação não inviabilize a adequação dos exercícios propostos – e não introduza mais “ruído” nos comportamentos e relações do que aquele já de si gerado pelas especificidades do próprio funcionamento autista -, mas também não esquecendo que uma clássica divisão de idades não é necessariamente útil neste contexto, em que a maturidade ou as capacidades dependem significativamente do grau de autismo apresentado pelo formando.

### **- Avaliação inicial e final**

Como também já referimos, a implementação de um procedimento de avaliação diagnóstica inicial – através de um questionário com os parâmetros essenciais para informar dos interesses, necessidades e dificuldades de cada formando - e final – que será tanto mais útil quanto mais diversificado o âmbito de informantes (pais, professores, terapeutas) - parece-nos fundamental para a validação do possível impacto deste projeto no seu público-alvo.

É também crucial para que esta iniciativa possa ser mais um contributo para o estudo e investigação do potencial papel terapêutico das artes, nomeadamente as performativas e visuais.

### **- Um olhar exterior**

Finalmente, e na sequência do ponto anterior, parece-nos absolutamente desejável que, numa próxima experiência de implementação destas Oficinas, o nosso olhar e avaliação próprios sejam complementados pela observação de um elemento exterior à equipa, idealmente um investigador com particular interesse nesta área.

### ***algumas conclusões/reflexões (excertos do blog 2015/2016)***

*“Haverá sempre contrariedades e imprevistos. Tentando sempre encaixar mais um elemento novo, tentamos analisar os sinais para numa próxima vez conseguirmos prever alguma situação idêntica. Sempre a aprender, a adaptar, a compreender e a aprender.”*

*“Todos os pequenos passos destas aulas, que por vezes acontecem em apenas segundos desta hora e meia, são as nossas grandes conquistas.”*

*“O desafio tem sido aproveitar as motivações de cada um para conseguir explorar outros caminhos, no fundo jogar com a possibilidade de fazerem e “brincarem” com o que mais gostam, no final da aula, se durante a aula aceitarem outras propostas de trabalho. Nem sempre é claro para eles que o espaço onde trabalham da forma que mais gostam e se sentem já tão à vontade é também um espaço com regras e cedências, onde estão a aprender outras motivações. Por isso, agora que a confiança foi ganha, estamos a introduzir com mais firmeza posições de trabalho, adaptando ao que eles querem fazer. A proposta é lançada, é agarrada e depois cada um voa para um universo único; por vezes dispersamos mas o desafio é voltar, voltar à proposta, voltar ao tema. Tem sido sempre aquilo que achamos importante fazer e transmitir, em junção àquilo que eles mais gostam para servir de motivação. Neste momento jogamos com a cedência e com a adaptação, para ambos os lados.”*

*“Neste momento o espaço já é deles, já lhes é familiar e confortável; penso que será a altura ideal para introduzir algumas regras que os ajudarão a não dispersar tanto e com isso conseguirem gozar mais cada exercício, conduzindo-os para outras descobertas, outras motivações.”*

*“As sessões têm sido calmas. Nota-se que, por vezes, os alunos sentem falta de elementos motivadores, mas nem sempre deveremos partir das motivações ou continuar os exercícios até ao fim sem sair desses elementos. Sempre que notamos fases de mais dispersão ou desmotivação voltamos às motivações como ponto de partida, mas servindo só como mote para o início da atividade para depois, aos poucos, continuarmos a atividade largando as “princesas”, os “animais”, as “saias” e conseguirmos que se concentrem na concretização da atividade proposta explorando outros temas livremente.”*

*“Todas as sessões são uma surpresa, podemos preparar e levar na bagagem o plano A e o plano B, adereços, figurinos, músicas e muito jogo de cintura, e ainda assim é sempre imprevisível. No entanto, é com estes fatores que nos habituamos e preparamos para trabalhar e aceitamos, cada vez com menos surpresa, todas as condicionantes.”*

*“Foi uma viagem intensa, de aprendizagem constante. Como formadoras o trabalho de pesquisa prévia às aulas foi importante para conhecer métodos, outras experiências e testemunhos, mas apenas quando conhecemos o grupo e cada aluno é que mergulhamos na realidade. Aprendemos a adaptar e construir de dia para dia, num jogo de cintura constante. As aulas eram previamente preparadas, mas como base e ponto de partida, tudo o resto era construído camada a camada perante cada situação ou acontecimento com que nos deparávamos. A cumplicidade entre as duas foi um aspeto fulcral para que, em qualquer altura ou em circunstâncias adversas, conseguíssemos imediatamente adaptar e encaixar novos elementos e assim mudar rapidamente a direção do barco. Experimentámos, mudámos, alterámos e demos (demo-nos) tempo e espaço para também ir na corrente da maré, respeitando o tempo do grupo e o tempo de cada um. Podemos traçar diversos planos e esquemas para as sessões mas em cima disso é preciso ativar ou acionar uma enorme capacidade de adaptar ou mudar na hora. Ao longo da experiência mudámos diversas vezes de estratégias conforme as necessidades do grupo, e com o tempo tornou-se mais fácil esse encaixe mas nunca deixou de ser imprevisível e intenso.*

*O sucesso de uma aula inteira pode acontecer num minuto, aquele minuto em que conseguimos o objetivo, alcançar o foco e sair de peito cheio, carregado de novas emoções e ideias.”*

## 6. Referências e Materiais de apoio

### livros:

DAVIES, Amelia: Teaching Asperger's Students Social Skills Through Acting: All Their World is a Stage, Future Horizons, 2004.

SACKS, Oliver: Um Antropólogo em Marte, Relógio D' Água, 1996.

### artigos:

CORBETT, Blythe A. (et al.) - "Brief report: Theatre as Therapy for Children with Autism Spectrum Disorder", Journal of Autism and Development Disorders, 2010

D'AGOSTINO, Chris - "Final draft: How theatre can treat symptoms of Autism", newtoncaps.org, 2013

FUENTES, Joaquin "Farmautism", Autismo e medicação, 1998.

GADIA, Carlos (et al.) - "Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento", Jornal de Pediatria, 2004.

GRANDIN, Temple - "How does visual thinking work in the mind of a person with autism? A personal account, Philosophical Transactions of the Royal Society, 2009

KLIN, Ami - "Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral", Yale Child Study Centre, 2007.

NOTTOHM, Ellen - "Dez coisas que toda a criança com autismo gostaria que você soubesse", autismo.com.br

PRIOR, Margot, ROBERTS, Jacqueline - "Early Intervention for Children with Autism Spectrum Disorders: Guideline for Best Practice", The Australian Government Department of Health and Ageing, 2006.

RIVIÈRE, Angel - "O que nos pediria um autista", Autism-Spain, 1996.

SANTOS, Isabel, SOUSA, Pedro - "Como intervir na perturbação autista?", psicologia.com.pt

SCHIRMER, Carolina (et al.) - "Distúrbios da aquisição de linguagem e da aprendizagem", Jornal de Pediatria, 2004.

SOUSA, Daniela - "Direitos Sociais das Pessoas com PEA e suas Famílias", 2008.

TEIXEIRA, João - "Modelos de Intervenção em PEA", Centro de Estudos e Apoio à Criança e Família APPDA – Norte, 2008.

"Carta para as pessoas com autismo", apresentada no 4º Congresso Autisme-Europe, Haia, 1992.

### vídeos:

[See the world through her Asperger eyes](#): Wendy Lampen at TEDxDelft 2012

[In praise of slowness](#): Carl Honoré at TEDGlobal 2005

[The art of stillness](#): Pico Iyer at TEDxNewYork 2014

[Approaching autism theatrically](#): Stephen Volan at TEDxBloomington 2011

[The Autistic Brain: thinking across the spectrum](#): Temple Grandin at Colorado State University, Talks at Google 2014

[Autism Spectrum Disorder](#): Temple Grandin at TEDxLongBeachCalifornia 2010

[Young, Autistic & Stagestruck](#): Channel 4 documentary in 4 episodes 2010

## 7. Biografias

**Ana Azevedo** (formadora / teatro) Nasceu em Vila Nova de Famalicão em 1979. Colabora com o Visões Úteis desde 2001 como Atriz e Monitora Residente do Serviço Educativo. Formada no Balletteatro, Escola Profissional de Teatro do Porto, frequentou também o Curso Superior de Tecnologias da Comunicação Audiovisual do Instituto Politécnico do Porto, e concluiu a especialização em Texto Dramático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi professora de teatro no Centro de Formação e na Escola Profissional do Balletteatro até 2015. Como atriz trabalhou com diversos encenadores: Luís Mestre, Roberto Merino, Nicolau Pais, Igor Gandra, entre outros. No cinema regista algumas breves passagens como atriz com os realizadores Eduardo Condorcet e Edgar Pêra. Ao longo de 15 anos, como formadora, passou a desenvolver um método de ensino muito próprio, criando pontes entre todas as suas experiências e trabalhando com grupos muito diversos e de diferentes faixas etárias (aulas de teatro, performance em comunidade, workshops com crianças, adultos e seniores).

**Inês de Carvalho** (formadora / artes visuais) Nasceu em Lisboa em 1977. Colabora com o Visões Úteis desde 2009 nas áreas de cenografia, figurinos e realização plástica. Desde 2011 assume também a direção de projetos, nomeadamente dos que envolvem comunidades. Cenógrafa e artista educadora. Master em Theatre Design pela Slade School of Fine Arts na University College London e Bacharelato em Realização Plástica do Espetáculo pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Frequentou ainda o Mestrado em Artes Visuais Intermedia na Universidade de Évora.

Lecionou na Licenciatura em Teatro da Universidade de Évora e na Licenciatura e Mestrado em Educação Básica do Instituto Piaget. Tem ainda desenvolvido diversas oficinas e espetáculos para um público jovem. O seu trabalho procura estreitar a relação entre a prática, a investigação e a pedagogia nas artes visuais e do espetáculo.

O **Visões Úteis** é um projeto artístico, de origem teatral, fundado no Porto em 1994, e atualmente residente na Fábrica Social – Fundação Escultor José Rodrigues. Até julho de 2018 o Visões Úteis criou e produziu 42 espetáculos de teatro, 8 trabalhos de Performance na Paisagem, 2 Performances Comunitárias, 11 filmes e 5 festivais, em Portugal, Espanha, França e Itália. O Visões Úteis é um projeto artístico, marcadamente de autor, que se produz a si próprio, um projeto pluridisciplinar, com uma direção partilhada e assente em metodologias de trabalho colaborativas que convocam uma especial participação de toda a equipa artística. Como sinais desta identidade podem apontar-se as sucessivas experiências de Performance na Paisagem – articuladas com viagens, residências, património e memórias – e a assinatura de dramaturgias originais – resultado de longos processos criativos que questionam, sem mediação, não só o nosso aqui e agora mas também os modos de participação do público.

No Visões Úteis o projeto estético continua a crescer em sintonia com uma forte motivação ética – podemos mesmo dizer política – numa constante reflexão acerca do sentido contemporâneo de fazer arte e teatro, que quotidianamente marca as opções de trabalho, agudiza a consciência da responsabilidade social e política para com as comunidades envolventes e obriga à partilha dos processos de reflexão e autonomia da arte contemporânea com a população em geral, e em particular com todos aqueles que vivem nas periferias, sejam estas de geografia, género, geração, cultura ou etnia.

O Visões Úteis é membro da PLATEIA – Associação de Profissionais das Artes Cénicas, do IETM – International Network for Contemporary Performing Arts e da Fundação Anna Lindh.

A Direção Artística é de Ana Vitorino, Carlos Costa e João Martins.



[www.visoesuteis.pt](http://www.visoesuteis.pt)

[www.facebook.com/visoesuteis.teatro](https://www.facebook.com/visoesuteis.teatro)

[twitter.com/visoesuteis](https://twitter.com/visoesuteis)

Estrutura financiada por

